

**RÊ BORDOSA, A
PEÇA – VIDA E
MORTE DE UMA
PORRALOCA
(Inédita)**

**Peça de Mario Prata (1997)
Adaptação dos quadrinhos do Angeli**

Texto completo

PARTE I

CENA 01: O DESPERTAR DA PERSONAGEM

CENA 02: NO BAR

CENA 03: O PASSADO DA PERSONAGEM

CENA 04: MAIS UMA MADRUGADA NA PAULISTA COM CONSOLAÇÃO

PARTE II - RÊ VAI PERDENDO AS ESTRIBEIRAS

CENA 05: UM FLASH BACK DO PERU

CENA 06: DA CONTRA-CULTURA AO CONTRA-CHEQUE

CENA 07: A NOITE É UMA CRIANÇA

CENA 08: GRÁVIDA? POR QUE NÃO?

CENA 09: AIDS

CENA 10: UM PERSONAGEM INOPORTUNO

PARTE III - RÊ BORDOSA, UMA PERSONAGEM SEM AUTOR

CENA 11: DE COMO O AUTOR MATOU SUA PERSONAGEM

CENA 12: UMA PERSONAGEM PEDINDO CARONA

CENA 13: RÊ BORDOSA E JUVENAL, UM CASAL

PARTE I

CENA 01 - O DESPERTAR DA PERSONAGEM

Tudo escuro. Foco na banheira de Rê Bordosa. Não vemos ninguém. Uma mão, como se fora um naufrago, sai da banheira e coloca um "radinho de carro" do lado de fora. A mão desaparece novamente e surge com quatro copos usados. Depois, sempre com o mesmo movimento, mostrando apenas o braço e a mão, vai depositando para fora da banheira, os seguintes objetos: garrafa de vodca nacional, maços de cigarros, revistas de homens e mulheres nuas, um cinzeiro cheio de tocos, uma gilete enorme, um canudo de cheirar enorme, um saquinho e um enorme vidro de aspirina. Por fim, uma seringa.

Finalmente, surge Rê Bordosa, na maior rebordose do mundo. cabeça doendo, falando baixo.

O próprio som a incomoda.

RÊ - Meu Deus! Meus Deuses! Outra vez. O que foi que aconteceu ontem de noite? Não tô lembrando de nada. Nada vezes nada. Só lembro até a hora que... Meu Deuses! Não sei se fiz um strip tease no bar ou se dancei um rock na Paulista. Ou será que eu fiz as duas coisas?

Rê pega o telefone que acaba de tirar de dentro da banheira e disca.

RÊ - Alô? É do Centro de Valorização da Vida? O já famoso CVV? Por favor, minha senhora, vocês tem aí um Engov?

RÊ desliga o telefone.

RÊ - Comigo esse papo de frutas, sopinhas, vitaminas para curar ressaca não cola, não. Pra mim, bastam algumas aspirinas.

RÊ vira o enorme vidro de pílulas goela abaixo, com alguma dificuldade (ou toda a dificuldade), tenta se levantar da banheira, mas não consegue, ainda.

RÊ - Meus Deus! Estou uma pessoa imprestável. Estou cada vez mais pro fundo. Afundando... afundando.

Da coxia, jogam uma bóia de salva-vidas de navio.

RÊ - Meus Deus!, só pode ser gozação.

Apoiada na bóia, consegue se levantar e vai para o espelho.

RÊ - (se olhando, forçando os olhos para abrir, dando um trato no cabelo) Tô com cara de cinzeiro sujo. Tenho que saltar fora dessa perdição rapidinho.. É isso aí. Tenho que ser como toda a mulher tem que ser. (fica se olhando) E como é que toda mulher tem que ser? (voltando para a banheira, como se voltasse para a própria cama) Eu não passo de uma barata, que não há inseticida que mate!

Deita-se na banheira e disca.

RÊ - Doutora? Aqui é a Rê Bordosa. Sabe o que é, doutora? Eu sou infeliz. Isso, uma infeliz. Sou um poço de amargura. Bebo feito uma vaca, depois acabo dormindo com o primeiro idiota que aparece. As vezes pinta um imbecil, mas na maioria das vezes é um idiota mesmo. Um horror! Quando fico louca, então.... Falo pelos joelhos, pelos joanetes, pelos cotovelos tudo o que não devo falar. Sem intenção de magoar ninguém, mas... contundindo!. Não sei se é falta de homem...ou é a loucura de final de século. Não sei mesmo. Só sei que depois de tudo isso, afogo meu sentimento de culpa nessa maldita banheira. Diga doutora, pode dizer, estou preparada. Isso é normal?

VOZ GRAVADA DE MULHER - (som que ecoa por toda a sala, atormentando o ouvido sensível de Rê Bordosa) NORMALÍSSIMO, MINHA FILHA! NORMALÍSSIMO!

Rê, até então estava sem os óculos que sempre usa. Acende um cigarro, pega uma Coca-Cola e bebe numa vez só. Coloca o oclinho e vai para o espelho.

RÊ - Meu Deus! Estou igual a Janis Joplin à beira do suicídio. Pareço uma titica de galinha. Mas eu vou dar um basta nisso tudo! Vou ao cabeleireiro, tomar umas vitaminas (mata a Coca), botar uma roupinha diferente. Depois... depois vou cair na gandaia outra vez.

CENA 02 - NO BAR

A luz começa a acender num quadro que tem no bar, onde se lê nitidamente:

IR SOZINHA A UM BAR, DÁ TANTO TRABALHO QUANTO CRIAR UM FILHO

(Rê Bordosa)

Juvenal (feito pelo ATOR I) enxuga copos atrás do balcão, cantando Besame Mucho que toca no rádio FM do bar. Entra Rê Bordosa, dá um cumprimento geral. Já está bêbada. Vem de outros bares. Juvenal de ilumina, passa o pano no balcão.

RÊ - Juvenal, eu não esqueci o meu casaco aqui ontem?

JUVENAL - Deixa eu ver. (procura atrás do balcão) O casaco não, mas tem uma meia de domingo, um batom de segunda, uma calcinha de quarta, uma escova de...

RÊ - Chega, chega, Juvenal! Olha bem para a minha cara e diga o que você está vendo. Vamos, Juvenal, diga, porra!

JUVENAL - Um imenso barril de vodca.

RÊ - Pô, cara, você podia ser mais delicado. Dizer...uma meia cerveja, um Martini seco...

JUVENAL - Vai enxugar o que?

RÊ - Quem enxuga é pano de chão.

JUVENAL - Então, vai enxugar o que?

RÊ - (olha no relógio) Tá na hora da vodca dupla.

JUVENAL - (servindo, com carinho, preocupado) Vai devagar, menina.

Rê dá um sorriso gostoso para ele. Ele retribui. Mas ela está de pilequinho. Rê vai para a mesa. Rê fica sozinha sentada na cadeira. Juvenal olhando terno para ela.

O ATOR II entra de Vendedora de Flores. A Vendedora vai até Rê, que é a única freguesa.

VENDEDORA - Quer uma flor, amor?

RÊ - (um pouco agressiva e triste) Eu não sou o amor de ninguém. E se falar de novo te dou um beijo na boca. De língua!

Vendedora vai até Juvenal que dá um dinheiro para ela e pega uma flor. Antes da Vendedora sair, ela vai até Rê e coloca uma flor no cabelo dela. Vendedora sai. Juvenal vai com a flor até ela. Pega na mão dela e coloca a flor entre os dedos dela.

RÊ - Quando eu era garota, sonhava com um Príncipe Encantado. Ele era um vulto. Mas aí fui crescendo, crescendo...a imagem foi focando, focando... até que quando eu percebi, as coisas não eram como eu imaginava. (ela diz isto "focando" o Juvenal)

JUVENAL - Fim de expediente. Bar fechando. Como é, Rê Bordosa? Vamos ao mesmo motel de ontem?

Rê olha para ele. Não sabe se vai. Entra o Autor (ATOR II), com uma pasta de desenhos. Senta-se e começa a roer unhas. Ele está sempre roendo unhas.

JUVENAL - Ele está nos desenhando juntos.

RÊ - (Olhando com ternura para Juvenal) Como é mesmo o nome do motel?

Autor tem uma reação de quem descobriu alguma coisa. Uma espécie de Eureka! A luz vai caindo enquanto o Autor dá um sorriso nervoso e começa a fazer os seus rabiscos.

CENA 03 - O PASSADO DA PERSONAGEM

Luz na banheira. Pouco a pouco, Rê vai surgindo na sua banheira.

Tira uma vitrola das mais velhas e coloca Meu Mundo Caiu que fica tocando repetindo sempre o refrão Meu Mundo Caiu... Abre uma lata, coloca fumo no cachimbo e começa a fumar.

RÊ - Análise! Não me faltava mais nada. Analista!

Surge, de dentro da banheira a Analista de Rê Bordosa.
(feita pelo ATOR II)

RÊ - Boa tarde, doutora.

ANALISTA - Tem certeza?

RÊ - Ih... Já vi tudo. Vai ser uma luta! Como assim?

ANALISTA - Tem certeza que a tarde está boa?

RÊ - Não entendi.

ANALISTA - Pode começar a falar.

RÊ - Falar? Não pode ser outra coisa?

ANALISTA - (dando um tapinha no cachimbo) Que outra coisa, por exemplo?

RÊ - Sei lá. Nunca fiz análise.. Por exemplo: arrastar a voz assim, ó (arrasta a voz) Tropeçar nas palavras (tropeça nas palavras). Enrolar a língua (enrola a língua). Pois é, doutora, é como eu já expliquei para a senhora. Pra resumir, a minha vida é orgias e mais orgias. Alcoólica, sexual, mental, banheiral, sacal...

ANALISTA - E você acha isso bonito?

RÊ - Bonito, não. Mas que é excitante é.

ANALISTA - Me fala da sua infância.

B.O. rápido e a luz acende noutra local, onde há uma tela, dessas onde as pessoas colocam a cabeça para uma pose fotográfica.

ATOR I coloca a cabeça onde está PAI.

ATOR II onde está escrito IRMÃO.

ATOR II também, na hora da fala, colocará a cabeça onde está escrito MÃE.

ATOR I, também, na hora da fala, colocará a cabeça onde está escrito IRMÃ MAIS VELHA

E Rê Bordosa, onde está RÊGINA.

Estão posando.

POSE I:

PAI - Confesso que tenho apartamento montado com a minha amante. Mas, aparelho de TV com controle remoto, só para a família.

MÃE - Faço grinaldas. Vendo para fora.

IRMÃ - Fiquei meio traumatizada depois que fiz o meu primeiro aborto.

IRMÃO - Meu primo me deu um dinheiro para deixar ele colocar o pintinho dele na minha bundi/...(o pai o cala com um safanão na cabeça)

RÊ - Eu acredito em história de fadas.

POSE II:

PAI - Confesso que gosto de dar porradas em mulheres. Todo bicheiro gosta de bater em mulheres. (dá um safanão na cabeça de Rê que está abaixo dele).

MÃE - Na cabeça não, que prejudica, amor. (noutro tom) Faço grinaldas.

O pai dá um tapa na cara dela da Rê.

MÃE - Na cara não, amor, que desmoraliza. (noutro tom) Faço grinaldas.

IRMÃ - Não fiquei tão traumatizada depois que fiz o meu segundo aborto.

IRMÃO - Eu queria casar com o meu primo, mas o meu pai... (outro safanão)

RÊ - Eu acredito em histórias de amor

POSE III:

PAI - Eu mantenho relações sexuais com a minha esposa até hoje. Toda noite de natal.

MÃE - Faço grinaldas.

IRMÃ - Meu quinto aborto eu fiz sozinha.

IRMÃO - Foi aniversário do meu primo na semana passada. (outro safanão) Fez 48 anos.

RÊ - Eu acredito em histórias em quadrinhos.

A luz vai se apagando para voltar na sala da juventude de Rê Bordosa. Estão ela, o pai (ATOR I) e a mãe (ATOR II). Estão acabando de comer, em silêncio. A mãe limpa a boca e pega uma grinalda para trabalhar. O pai pega o Estadão e começa a ler. Rê pega um fuminho e começa a enrolar na frente deles. Eles não percebem o que ela está fazendo.

RÊ - A comida estava ótima.

OS DOIS - Hum-hum.

RÊ - O bife tava do jeito que eu gosto.

OS DOIS - Hum- hum.

RÊ - Uma delícia.

OS DOIS - Hum-hum.

MÃE - Queria tanto que você um dia usasse uma dessas, minha filha. Porque você sabe, né?, sua irmã deu no que deu.

PAI - Talvez o seu filho use.

MÃE - Bordoso!

RÊ - Uma delícia. Agora, pra relaxar, um baseadinho que é pra facilitar a digestão.

O pai para de ler o jornal e a mãe de fazer a grinalda. Se olham.

OS DOIS - Baseadinho? É uma sobremesa, minha filha?

RÊ - Maconha, daddy. Maconha, mammy.

Os dois se entreolham novamente, estupefatos.

O pai dá um safanão nela.

PAI - Repete o que disse, sua fedelha!

RÊ - Mas pai, um fuminho depois do almoço, que mal que pode fazer?

PAI - Está ouvindo, gorda?

MÃE - Estou estupefada.

RÊ - Tá!

PAI - Tá o que?

RÊ - Não é da. É tá!

PAI - Dá e tá o que, menina?

RÊ - Não estupefada. É estupefata.

MÃE - Há sim.

PAI - Não mude de assunto, não! Esta ouvindo, gorda?

MÃE - Nossa filha é uma maconheira! Maconheira! Deve andar por aí, sabe-se lá com quem, fumando LSP e tomando copos e copos de maconha!

RÊ - Mas pai, é só um tapinha...

PAI - Quer mais um tapinha, não quer? Pois tome! (dá um tapa nela)

RÊ, triste, magoada, vai para um armário. Fica diante dele.

PAI - É a destruição da família!!!

MÃE - Os vizinhos!...

RÊ abre o armário. Tira cinco vestidos iguais aos que está sempre usando, olha para os pais.

RÊ - (antes de sair) Insisto. O jantar estava ótimo!

Sai, triste, acendendo o seu baseado.

PAI - Sou um homem arrasado!

MÃE - (faz o sinal da cruz) Eu também.

PAI - Só enchendo a cara mesmo.

Pega um galão de pinga.

MÃE - Opa, tô nessa!

PAI - Não sei quem essa menina puxou...

Começam a encher a cara, enquanto a luz vai caindo lentamente.

Voltamos então para a banheira onde está Rê e a Analista (ATOR II).

RÊ - Entendeu a barra, doutora? Me diga: pode dizer: tem base? Tem base?

ANALISTA - E as suas neuroses atuais? Faz o que com elas?

RÊ - Largo tudo no fundo da banheira.

Analista começa a pegar coisa dentro da banheira e colocar para fora: um Snoopy, uma lata de cerveja, uma caneta sem carga, um desenho grande dela com Juvenal. Aquele. Este ela tira da mão da analista. Tem mais coisas: uma grinalda.

ANALISTA - O que você faz durante a noite?

RÊ - Bebo. Bebo. Bebo. Bebo. Bebo. Bebo. Depois faço séquiçu.

ANALISTA - Com quem, minha filha?

RÊ - A senhora ainda não percebeu que o meu problema é justamente esse? Como é que, depois de beber tanto, eu vou me lembrar? Sabe doutora, quando eu bebo, fumo e cheiro, eu faço tudo até as últimas conseqüências. Faço séquiçu feito uma louca, uma doida. Espere um pouco. Quem foi que mandou a senhora entrar na minha banheira?

ANALISTA - Você é minha cliente. Estou me aprofundando em você.

RÊ - (Recua) Mas com o dedão do pé?

ANALISTA - Perdão, Rê, foi um escorregãozinho da minha parte.

RÊ - Sei...

ANALISTA - E tortura? Já foi torturada?

RÊ - Quem é que não foi torturada nos anos 70 ? Me lembro como se fosse hoje.

Luz se apaga. Fica escuro e começamos a ouvir "olha que coisa mais linda, mais cheia de graça"... Vai acendendo a luz e vemos Rê caminhando bêbada pela av. da Consolação.

Rê esta passando diante de uma joalheria. Dois assaltantes (ATOR I e II) saem da joalheria, levando sacos de jóia, esbarrando em Rê, que cai, tenta se levantar, desiste e dorme ali mesmo. Som de sirene. Chegam dois POLICIAIS (ATOR I e II). Constatam o furto. Percebem Rê, dormindo, encostada na joalheria.

POLÍCIA I - Uma testemunha!

POLÍCIA II- Vamos, garota, em pé.

Rê faz um esforço sobre-humano para falar a frase seguinte e desmaiar novamente.

RÊ - Obrigada pelo "garota".

Os dois a carregam para fora.

Levem para a Delegacia. Um deles começa a bater no rosto de Rê, que mal se mantém em pé.

POLÍCIA I - Cadê as jóias, menina?

Rê não consegue falar nada. Tá maus mesmo.

O POLÍCIA II enfia a cara de RÊ numa tina de água. Depois tira.

POLÍCIA I - (da mais um tapa) Onde estão as jóias?

Rê não consegue dizer nada. Até tenta, mas não consegue.

O outro enfia a cabeça dela outra vez na tina.

POLÍCIA I - Vamos menina, onde estão as jóias?

Nada, chutes na bunda dela que quase cai. Enfiam a cara dela outra vez na água. Quando Rê volta, volta já em condições de dizer alguma coisa.

RÊ - Seu guarda, vamos entrar num acordo. Acho melhor o senhor contratar uma mergulhadora profissional, porque eu não estou vendo nenhuma jóia!

Melancólica luz vai abaixando.

CENA 4 - MAIS UMA MADRUGADA NA PAULISTA COM CONSOLAÇÃO

Como sempre, o relógio marcando quatro e vinte. JUVENAL sozinho no balcão cantarolando. Num canto do bar o Autor desenhando sozinho. JUVENAL ouvindo uma música do seu gosto no seu FM. O Autor vai até JUVENAL.

AUTOR - (meio de canto de boca, ameaçando) O que você precisa é de um patroa. Se tu descuidar eu te caso, JUVENAL!.

JUVENAL - Mas você já me casou uma vez, cara. E não deu certo! As mulheres são umas chatas de galocha. A gente leva pra passear, leva para dançar, leva ao zoológico, leva ao cinema, leva ao teatro. Mesmo assim, vivem reclamando que a gente nunca leva elas ao tal do orgasmo.

AUTOR - (coçando, grosseiramente o saco) É... E quando leva uma vez, querem mais, né? Na idade da gente, né?..

Autor pega uma sopa e vai para o seu canto

AUTOR - JUVENAL, tem uma barata na minha sopa!

JUVENAL - Você devia se dar por contente. Outro dia veio uma comida na minha barata.

Entra Rê Bordosa. Ela não está legal. JUVENAL leva uma sopa para ela.

RÊ - O que é isso?

JUVENAL - Um caldo verde para colocar você em ordem.

RÊ - Um caldo verde, não!

JUVENAL - Se não tomar, não te dou mais cinco anos de vida.

Rê pega uma moeda e joga para cima.

RÊ - Cara: caldo verde. Coroa: menos cinco anos de vida.

Começa a tomar a sopa.

RÊ - Pô, JUVENAL, ontem eu fiquei tão doida que eu acho que perdi as estribeiras.

JUVENAL - Só se for noutra bar, porque aqui, o que perdem eu devolvo.

JUVENAL volta para o bar. O Autor vem até ela.

AUTOR - Você não pode perder as estribeiras, menina.

RÊ - (curiosa e preocupada) Mas quem é você, cara?

AUTOR - Eu crio monstrinhos que tropeçam, arrotam e peidam quando eu quero. Lembre-se: você pode perder as estribeiras! Mas só quando eu quiser.

AUTOR sai.

RÊ - Mas pinta cada figurinha nesse bar. Quem que é esse cara, JUVENAL?

JUVENAL - (desenhando no ar) Cria monstrinhos. (olhando-se) Como nós, por exemplo.

RÊ começa a tomar a sopa. De repente, pára.

RÊ - Completa com vodca, JUVENAL.

Juvenal enche a sopa dela de vodca e sai.

Autor volta para buscar alguma coisa que esqueceu e vê Rê virando a sopa de vodca.

AUTOR - Teu estômago deve estar mais fedido que o banheiro do Congresso Nacional!

Rê olha para o autor.

RÊ - Meus Deus! (gritando para fora) JUVENAL, mais um duplo. Só falta entrar um monstro agora. É a hora do delirius tremens.

Passa um monstro (ATOR I) pelo palco.

RÊ - Vocês estão vendo? Vocês estão vendo?

Ninguém está vendo nada. Apenas Rê.

MONSTRO - Oi, gatinha!

RÊ - Gente, olha o monstro, olha o monstro. Olha que bundinha que ele tem! Bundas tremens!

AUTOR - Rê Bordosa, você esta passando dos limites. Já está confundindo cu com bunda.

RÊ - Mas eu vi! Eu juro que eu vi! JUVENAL, mais um duplo. (cai em si) Mas, afinal, quem é você?

AUTOR - Eu sou o dono de vocês todos. E você esta fugindo do meu controle. Você está parecendo relógio do Salvador Dali, escorrendo pela mesa.

JUVENAL ainda não voltou para cena. Rê está sozinha com o Autor.

RÊ - Você é o cara que me criou, que fica todas as noites fazendo estes desenhinhos idiotas? Entendi...

AUTOR - Exatamente. Eu sou o seu criador. Você é feita de apenas lápis, papel e nanquim. Posso passar uma borracha em você e bau-bau. Adeus, Rê Bordosa!

RÊ - Então vamos sentar aqui que eu tenho uma série de reivindicações a fazer. Eu não agüento mais os meus cenários. Bar, banheira, bar, banheira, bar, banheira. Quero árvores, cara, quero praia, quero estrada. Quero ar puro, um bando de surfistas dançando merengue.

AUTOR - Você esta fugindo das minhas mãos, Rê Bordosa. Você está virando um personagem ultrapassado, uma cirrose ambulante, uma fileira de cocaína falante.

RÊ - Vem cá, ó cara, te faço um felácio e não se fala mais nisso!

AUTOR - Te cuida! Tou de olho em você. Lembra-se: você não tem vida própria! Te cuida!

O Autor sai. JUVENAL que tinha saído, volta e vem até ela.

Traz mais uma dose para ela. E outra para ele. Vira a dele.

JUVENAL - Esse cara tá querendo te apagar, Rê Bordosa.

RÊ - (virando um gole) Estou com medo, JUVENAL.

Rê abraça JUVENAL, pedindo apoio.

RÊ - Me leva para casa, JUVENAL. Tou vendo monstros e autores. Que, aliás, é a mesma coisa. Eu não tou legal. Eu não tou legal... Sei lá... Mil coisas...

Os dois se levantam, abraçados. JUVENAL deposita Rê Bordosa na sua banheira. A luz vai caindo.

FIM DA PRIMEIRA PARTE

PARTE 2 - RÊ VAI PERDENDO AS ESTRIBEIRAS

CENA 05 - UM FLASH BACK DO PERU

Rê acordando na banheira.

RÊ - Meus Deus, estou me sentindo mal. A cabeça em chamas, a respiração curta, a pele seca... (tira um telefone vermelho de dentro da banheira) Bill? Please, Hillary. Por acaso detonaram uma bomba atômica? Não? Então foi porre mesmo! (desliga) Monstros, o Autor...

Rê liga o radinho.

LOCUTOR - E atenção. Ontem na missa das seis da manhã, em plena Catedral da Sé, uma mulher tirou toda a roupa. Foi preciso chamar a POLÍCIA para/

RÊ - (desligado) Bem que a minha mãe me disse que um dia eu iria virar notícia. Meu Deus, será que isso foi coisa minha ou do Autor? Estou ficando confusa. Não tou legal.

Rê pega o vidrão de aspirina e vira na boca, várias vezes. Rê repete a frase:

AGORA EU TÔ LEGAL, 39 vezes.

Quando ela diz a última fala, surge, na banheira, A analista. É para ela que ela fala a última vez.

RÊ - Agora eu tou legal, doutora.

ANALISTA- Tem certeza? Muito bem, Rê Bordosa. Entao vamos em frente. E casamento? Já tentou algum?

RÊ - Foi um desastre. Houve um problema com o... pênis - mas que palavra, pênis! - do meu marido.

ANALISTA- Quer falar sobre o assunto?

RÊ coloca a mão na cabeça da Analista dando um caldo nela. Surge o Marido de RÊ (ATOR I), também no banheiro, lendo o Estadão.

POLICARPO- Quer parar com essa mão boba, RÊ?

RÊ - Que regulagem é essa? Somos casados, não somos?

POLI - Estou ficando irritado.

RÊ - Fica regulando...

POLI - Regulando, nada. Só não estou a fim.

RÊ - Não era isso que eu esperava do casamento.

POLI - Está bem, RÊ Bordosa. Esta bem. Uma pegadinha só, tá bem? E mais nada, ouviu?

RÊ - Falô. (procura dentro da banheira) Ué, Policarpo, cadê?

POLI - Cadê o que?

RÊ - O seu peru? Jesus!!! Onde está?

POLI - Ora, onde sempre esteve, porra!

RÊ - Não está, não. Está tudo lisinho.

POLI - Lisinho?

RÊ - É. Liso, liso...

POLI - Como liso?

RÊ - Liso, ué? Não sabe como é que é liso?

Policarpo coloca a mão na altura do seu sexo, dentro da banheira.

POLI - Não!!! Meu peru sumiu!!!

RÊ - Seu, o cazzo! Meu peru! Meu! Somos casados em comunhão de bens. O seu peru é meu peru! Onde está o seu peru, Policarpo? Deixou no escritório?

POLI - Meu peru sumiu...

RÊ olha dentro do sapato. Olha debaixo da banheira.

POLI - Pô, que desagradável...

RÊ - Não esqueceu no clube? Na mesinha do bar?

POLI - No táxi não deixei... No elevador? Banco 24 Horas?

Rê começa a procurar em todo lugar.

RÊ - Aqui não tá. Aqui também não. Que saco, Policarpo. Onde você foi enfiar essa droga de peru? Quero o meu peru! Será que ele não caiu dentro da privada? Creuza!

Entra a empregada (ATOR II).

RÊ - Creuza, você viu o peru do seu Policarpo?

CRÊUZA - Como?

RÊ - O peru do seu Policarpo. Isso mesmo que você ouviu! Onde está o peru, Creuza?

CRÊUZA - (começa a chorar) Só porque eu sou pobre (vai saindo).

Rê vai até a janela gritando para fora.

RÊ - Seu Alencar, o Senhor, por acaso, não viu o peru do Policarpo por aí?

ALENCAR - (off) Não senhora... (com malícia) Qualquer coisa, tamos aí.

POLI - Muito bem madame, a brincadeira acabou. Pode devolver o meu peru.

RÊ - (ofendida) Para que eu ia querer um peru velho?

POLI - Podia ser velho, mas era o único que eu tinha. O peru era meu.

RÊ - Meu!!!

POLI - Não vamos brigar por causa de um peruzinho que sumiu. Temos é que achar o peru.

Rê olha para a platéia, desconfiando que esteja lá. Rê desce para a platéia. Fica todo mundo esperando que ela diga alguma coisa. Mas ela não vai dizer. Ameaça dizer três

ou quatro vezes. Faz que vai falar, mas não fala. Depois de certo tempo, o Autor entra pela platéia, vai até ela, a encara. Ela entende e sobe para o palco. O Autor senta-se para ver o espetáculo.

RÊ - (para a platéia) Vocês querem saber de uma coisa? Eu vou mandar a segurança fechar todas as portas lá de trás e, enquanto o meu peru não aparecer, ninguém sai daqui. No final do espetáculo vai ficar todo mundo com o peru de fora e a gente vai conferir. Um por um. Judeu tá liberado. Nenhum peru vai sair daqui hoje, impunemente.

Policarpo está chorando. Rê pega o telefone e disca.

RÊ - Alô? Da 4ª Delegacia? Por favor, doutor, nós perdemos um peru.

VOZ DO DELEGADO - Certo, certo. Por favor, madame, faça a descrição do seu peru.

RÊ - Baixo, magro, quarenta e dois anos, mas com um corpinho de 41. Tendência para a esquerda. A última vez que foi visto estava trajando uma camisinha verde.

VOZ DO DELEGADO - Fica tranqüila, madame. Daremos o alarme geral. (voz gravada) Atenção todos os carros! Atenção todos os carros!!!

Atenção todos os carros! Desapareceu um peru baixo, magro, comunista, trajando camisinha verde!

RÊ - (para o público) Vocês ouviram, não ouviram? Antes de terminar o espetáculo, a POLÍCIA vai chegar. E o peru vai ter que aparecer.

POLI - (chorando) Vocês não se comovem?

RÊ - Vem, Policarpo, vem...

Os dois desaparecem na banheira.

CENA 06 - DA CONTRA-CULTURA AO CONTRA-CHEQUE

JUVENAL esta sozinho no bar. A faxineira (ATRIZ) de costas, limpando o bar.

JUVENAL cantando uma de suas músicas. Entra o Autor.

AUTOR - Onde esta a Rê Bordosa?

JUVENAL olha para o relógio.

JUVENAL - Para chegar. Se você que é o Autor, não sabe onde ela está, eu é que vou saber?

FAXINEIRA - Boa, JUVENAL. Gostei.

AUTOR - E você cala a boca. Coadjuvante não fala.

FAXINEIRA - O senhor podia dar umas falas pra mim. Sei declamar poemas. Uma vez na escola...

JUVENAL - Melhor não provocar, Ernesta...

FAXINEIRA - Merda de personagem de bosta. (sai)

Autor pega os seus papeis e vai desenhar numa prancheta. Vemos Rê se aproximar do bar.

RÊ - (firme) Hoje será uma noite daquelas. Estou toda animadona. Com a corda toda. Vou encontrar o pessoal... os mesmos de ontem e de antes de ontem...(já meio curvada) Ficarei bebendo... Me drogando... (mais curvada) Lá pelas tantas, vai pintar carência. Tentarei um romance... (mais caída ainda) Diante das recusas partirei para a ignorância. Darei vexames.

Entra no bar quase se arrastando. Ela entra no bar com uma nota de um dólar na mão. Pega um drinque com JUVENAL que fica pesaroso em vê-la naquele estado. Passa pelo Autor.

AUTOR - (saindo) Tou de olho em você, menina.

RÊ - Seja mais criativo. Você já disse essa frase. Que cena estamos mesmo, querido? É a cena da contra-cultura?

AUTOR - (tira o cheque para pagar) Sempre que me falam em contra-cultura saco o meu contra-cheque.

Fica pagando a conta. Rê vai para a mesa com a nota na mão, sempre tentando dizer alguma coisa.

RÊ - Anos 60! Início de 70. Quanta loucura. Um baseadão na cabeça, uma mochila nas mãos. Naquela época baseado dava barato. Dava fome e vontade de rir. Nossa, como a gente ria naquele tempo. Pé na estrada. Easy Rider. E aqueles ácidos que a gente tomava em Itaparica? Lembra, JUVENAL, do irmão da Soninha, que entrou numa que era macaco e ficou dezessete horas pendurado num galho de árvore, por um braço só?

JUVENAL - Teve que amputar, coitado.

RÊ - Eu via bicho em tudo que era lugar. Chamava isso de bad trip. Quando o Himmy Hendrix tocava Purple Haze... eu pirava. Tinha o Savoy Brow... o Gretful Dead. Só sonzão. Uma vez descolei um blusão dos Hell's Angels. Invocação. Eu tinha uns oclinhos John Lenoon.

AUTOR - (que estava na porta do bar a observando) Você nunca usou oclinhos John Lennon!

RÊ - Cala a a boca, pentelho! A barriga do Jim Morrison cresceu...O negócio entao era fazer a cabeça com o Jerry Rubin, Gunsberg... Toda a contracultura. No cinema tinha Godard, Antonioni com Blow-up. Je T'aime. Me lembro da tradução de Blow Up: Depois Daquele Beijo. Blow: depois da. UP: aquele beijo. Lembra da loirinha, o Terence Stamp comendo ela enrolada nos panos? Era um novo enquadramento do mundo. Éramos marginais. Passeatas. Cheguei a tirar a roupa em frente da embaixada americana. (cai em si) Por favor, gente, quanto tá o dólar hoje?

JUVENAL - X no oficial.

AUTOR - Y no paralelo.

JUVENAL - Acho melhor aplicar em ouro.

AUTOR - Em Nova Iorque a onça-troy esta a Z.

RÊ - E as comodites, como estão? Porra, gente, viver antigamente era bem mais fácil.

JUVENAL - Tenho preferido o over-night.

AUTOR - Renda fixa.

JUVENAL - Overnigth com conta numerada na Suíça.

Rê vai até o balcão com a nota de um dólar.

RÊ - JUVENAL, me vê um dólar de uma porra qualquer, misturada com uma pitadinha de nostalgia.

JUVENAL - (servindo) Você devia se casar de novo, Rê.

RÊ - A essa hora, JUVENAL? Tem base?

JUVENAL - Vou falar com o Autor.

RÊ - Nem pensar numa possibilidade dessas, JUVENAL. Nem pensar. Você nunca ouviu falar no Tediú Matrimónius. Um vírus voraz!

CENA 07 - A NOITE É UMA CRIANÇA

Autor entra carregando vários bonecos de tamanho natural e coloca nas cadeiras do bar. São eles, Bob Cuspe, Walter Ego e os dois Skrotinhos. Depois, senta-se numa mesa e começa a desenhar, tal e qual Toulouse - Lautrec no filme do Huston, Moulin Rouge.

Entra RÊ, caída como sempre, já no fim da madrugada. RÊ entra e fica olhando para o autor. Autor fica jogando bolinhas de papel nela. Ela olha para os bonecos. Autor e RÊ já não se suportam mais. O Autor olha no relógio como observando que horas "sua filha" esta chegando em casa. RÊ olha para a sua frase na parede. Entra no balcão, pega um giz e escreve (em baixo de IR SOZINHA A UM BAR DA TANTO TRABALHO QUANTO CRIAR UM FILHO), MESMO PORQUE, A NOITE É UMA CRIANÇA.

RÊ pega uma garrafa de vodca na prateleira e senta-se num banquinho diante de JUVENAL. Aponta o autor com o queixo. JUVENAL dá de ombros.

RÊ - Alguém ligou pra mim?

JUVENAL - Não.

RÊ - Ninguém me liga, ninguém me tira pra dançar, ninguém me telegrafe... (canta) Ninguém me ama, ninguém me quer, ninguém me chama de Baudelaire. JUVENAL, JUVENAL, a minha cabeça tá mais pesada que uma baleia. Não sei se ontem eu falei alguma besteira ou se dormi com qualquer idiota.

JUVENAL - E aí, RÊ Bordosa, se recuperou de ontem? Você estava ótima, sua malandrinha...

RÊ - Dormi com qualquer idiota.

JUVENAL - Você precisa se casar, menina.

RÊ - A essa altura da madrugada a maioria das mulheres está em casa cuidando dos filhos e eu aqui, bebendo feito uma vaca. Basta! Vou para casa cumprir com as minhas obrigações. (Sai. o Autor fica contente. Mas ela logo volta) Lembrei que não tenho filhos. (senta-se novamente no

balcão) Tô varando noite após noite, JUVENAL. Tenho que parar de novo.

Ela vai falando este texto acima, ao mesmo tempo que o Autor vai escrevendo. É como se ele estivesse escrevendo este texto na hora, para ela.

JUVENAL - Você pode contar comigo nesse seu começar de novo. Farei o que estiver ao meu alcance.

RÊ - Então me alcança aquela garrafa de vodca. (reação negativa do Autor) Tem gente que não agüenta a barra e pimba! Se suicida. Eu não seria capaz. Dar fim a minha vida assim... de uma vez...

JUVENAL a serve e ela vira rápido.

RÊ - ... eu vou aos pouquinhos. Tenho que dar um jeito na minha vida, JUVENAL.

JUVENAL - Eu também.

RÊ - (Autor chega perto dela, fica claro que o texto é dele) Vou afastar de mim todas as drogas, bebidas, curtições, tudo! Basta de suicídio à prestação.

JUVENAL - Para tomar uma atitude dessas é preciso coragem, Rê Bordosa.

RÊ - Pois ai é que está o problema. Eu só consigo coragem depois da décima dose...(para o Autor) E você, quer me deixar em paz? Tá pensando que é quem? Meu pai? Tá pensando o que, hein? O que? Pensa que eu gosto dessas ceninhas curtas aqui no bar? Onde eu chego e fico falando o que eu fiz ontem de noite? Você vai me desculpar muito a sinceridade, mais eu acho isso um erro de dramaturgia. Tem que mostrar a ação e não a reação.

Essas cenas do bar estão muito paradas.

AUTOR - Olha aqui, Rê Bordosa. Você é uma personagem, não tem nada que dar palpites. Se você continuar assim eu te mato! Te mato, está me ouvindo?

RÊ - Isso é uma ameaça? Liga pra Delegacia da Mulher, JUVENAL.

AUTOR - Eu te mato antes do final da cena.

RÊ - Sua cara não me é estranha. Por acaso você já dormiu comigo alguma noite?

AUTOR - (indignado) Isso não são modos. Te cuida, menina! (para ele mesmo, coçando o saco) Não achei o meu pau no lixo.

RÊ - O que é que você quer, hein, cara? Quer que eu tenha um filho e fique em casa feito uma babaca cuidando dele? Pois muito bem. Vou engravidar.

AUTOR - Tente, para ver o que te acontece.

O Autor sai com seus rabiscos. Na folha que fica virada para o público vemos Rê Bordosa grávida.

RÊ - Ou esse cara me mata, ou eu mato ele. Nós dois não podemos conviver na mesma historinha.

JUVENAL - Grávida?

RÊ - Por que não?

B.O.

CENA 08: GRÁVIDA? POR QUE NÃO?

Rê está na banheira, alisando a sua barriga.

RÊ - Dúvida nenhuma. Grávida! Se o pai for o idiota que eu estou pensando, o jeito é fazer um aborto.

VOZ DE CRIANÇA - Ah, é? Quando tava lá no bem-bom, não pensou nisso, né?

RÊ - Essas crianças de hoje.. Não respeitam mais nem os pais.

O médico surge dentro da banheira. ATOR II.

MÉDICO - Respire fundo e conte até dez.

RÊ - Impossível, doutor.

MÉDICO - Impossível, como?

RÊ - Depois da noite de ontem, se eu chegar no cinco é lucro. E olhe lá.

MÉDICO - Seus exames mostram que no seu corpo faltam vitaminas A, B, C, D, fósforo, ferro cálcio...

RÊ - Meu Deus. Não resta mais nada no meu corpo?

MÉDICO - Resta sim. Três úlceras, hepatite alcoólica, cirrose, varizes no esôfago...

RÊ - Ainda bem que não são nas pernas.

MÉDICO - ...gastrite, duodenite, cistite...

RÊ - Chega, doutor! Me fale da gravidez. O senhor tem certeza que não é barriga de cerveja? Vamos doutor, seja franco comigo. Estou acabada para o resto de minha vida, não estou?

MÉDICO - (saindo) Que nada, menina. Você só está grávida.

RÊ - Acertei em cheio!

Ação vai para a casa de Rê Bordosa. Estão o pai e a mãe.

MÃE - (sempre fazendo grinaldas) Se ela telefonou avisando que vinha aqui, é porque ela está precisando de ajuda, de carinho, do olhar de sua mãe, de proteção...

PAI - (entrando, com apostas do jogo do bicho) Proteção o cacete! Vem é pedir dinheiro. Conheço a nossa filha. Dinheiro! Para gastar com tóchicos! Tóchicos e mais tóchicos!

MÃE - Não fale assim, coitada.

PAI - Mas é a verdade. Outro dia mandou um telegrama: PAPAI! MANDE DINHEIRO!

MÃE - Não, amor não era assim. (diz meigamente) Era: papai, mande dinheiro... É tudo uma questão de interpretação. (olhando as grinaldas) Como eu gostaria que a Rê usasse um dia. Um dia só... O altar, as flores, aquele vestido branco, a grinalda, sem uma gotinha de sangue, de vodca, de secreção vaginal!

PAI - Qué isso, gorda? (apertando um "pneuzinho dela")

Durante a última fala da mãe, vemos Rê, do lado de fora da casa, fumando rapidinho um beise.

Rê entra.

RÊ - Oi, galera...

MÃE - Filhinha, veio pela sombra?

RÊ - Não, mãe, vim sombria, escura, negra, black. And White.

PAI - Quanto é que a ingrata quer dessa vez?

RÊ - Meu Deus, acho que era da lata...

MÃE - Doce de leite em lata? Temos. Temos sim. Senta, minha filha. (ela se senta, silêncio entre os três) Fala, minha filha. Pode falar.

RÊ - (passa a mão na barriga, enrolando a língua) Sabe, querrridos pais? E mães. A vida, sabe? A vida continua. Pois então, a vidra. A vidra é a arte da continuidade da própria vidra... Que merda mesmo que eu estava falando?

PAI - Da porra da vida, porra!

RÊ - Taí, tem porra na história...

PAI - O que? Porra? No sentido meleca da palavra?

MÃE - Calma, bem.

PAI - Desembucha, menina.

RÊ - Pois é. A vida. A vida vem e a vida passa. A vida é vivida por aqueles que vivem a vida

PAI - Fala de uma vez, cazzo!

RÊ - Tou grávida!

O pai não se abala. A grinalda cai da mão da mãe. Rê pega a grinalda e coloca na cabeça dela, (RÊ).

MÃE - (boquiaberta) Querido, você ouviu? A nossa filha veio nos visitar para dizer que está grávida. Pelo menos foi isso que eu pude depreender das palavras dela.

Rê começa, de repente, a chorar.

Rê começa a chorar nos braços da mãe, que fica ajeitando a grinalda na cabeça dela.

PAI - (saindo) Golpe, gorda! Golpe! Para nos pedir dinheiro para o aborto e gastar com tóxicos! Golpe! Isso são lágrimas de crocodilo!

RÊ - Crocodila!

O pai sai indignado.

Subitamente ela pára de chorar.

RÊ - Boca seca... Tenho que ir para o bar!

Rê entra no bar, de grinalda e tudo, e vai falar com JUVENAL.

RÊ - JUVENAL, cai numa cilada. Estou esperando um filho.

JUVENAL - Meu, não é. Vem, não, Me lembro que gozei fora.

Ela fica com JUVENAL, que vai recolhendo os copos do balcão.

RÊ - O jeito é fazer um aborto, JUVENAL.

JUVENAL - Mas e sua consciência cristã, onde fica?

RÊ - (dá um gole) Está indo embora dentro desses copos sujos.

Rê começa a discar o número. JUVENAL fala timidamente a frase seguinte para ela, mas não houve. Ou pelo menos não quis ouvir.

JUVENAL - (terno) Eu assumo...

RÊ - Alô? É da clínica de Abortos da João Moura?

VOZ DA MULHER - Sim

RÊ - Quero marcar um aborto. Tem hora para hoje?

VOZ DA MULHER - A senhora é cliente nova?

RÊ - Não. Sou sócia fundadora. Quanto tá?

VOZ DA MULHER - Depende da senhora.

RÊ - Como assim?

VOZ DA MULHER - A senhora quer com culpa ou sem culpa?

Entra o Autor, colocando nas cadeiras Rita Pop e Stella Dáun. Desliga o aparelho.

AUTOR - Agora, se vira! Se vira! E não se esqueça de pedir nota fiscal.

Autor sai. Rê começa a chorar e vai para a mesa. E se abraça com Rita e Stella.

Juvenal vai até ela.

JUVENAL - Se cuida, Rê Bordosa. Daqui para frente, use camisinha. Além de evitar outra fria dessas, tem a AIDS. É melhor você se proteger.

RÊ - Sabe que você parece com o meu pai? O lado bom dele, que ele não tem. (ele segura nas mãos dela) Gravidez... Aids... acho que estou virando uma personagem abandonada pelo Autor, JUVENAL.

JUVENAL - Eu cuido de você, menina.

RÊ - Então manda uma vodca dupla sem gelo, com algumas pitadas de conhaque.

CENA 09: AIDS

Está no bar, JUVENAL.

O Autor está dormindo em cima da mesa que ele desenha.

Entra Rê Bordosa, completamente vestida com roupa de mergulho. Só uma parte do rosto a descoberto. Usa, inclusive, os tubos de oxigênio atrás do corpo e os pés-de-pato. Quando ela entra, cumprimenta todo mundo e todo mundo a cumprimenta como se ela estivesse vestida normal.

JUVENAL - Gente, gente, por favor, um momento da atenção de vocês. Tá certo que o mundo está de ponta-cabeça, a noite anda uma loucura, todo mundo bêbado, todo mundo drogado, tá todo mundo achando tudo muito normal, mas PORRA, A RÊ BORDOSA ESTÁ DE ESCAFANDRO, porra! Será que dá para reparar? O que é isso, companheira? Ácido? Cogumelo? Só pode ser.

RÊ - Aids, meus amigos. Aids. A coisa tá braba. Tá brabíssima. (no balcão) Um copo de conhaque, JUVENAL que hoje tá frio. Copo de plástico... Desinfetado.

JUVENAL - (servindo) Você precisa casar, Rê Bordosa, Pelo menos sai dessa paranóia. Fica aí dando pra todo mundo.

RÊ - Casar com quem, JUVENAL? Tem alguém decente para se casar? Uma pessoa decente, honesta, fiel, justa, humana, engraçada, divertida, bonita, simpática e jovem? Sem a afetividade reprimida?

JUVENAL - (arrumando o pau dentro da calça) Tá falando com o próprio.

O Autor finalmente acorda.

AUTOR - Mas o que é isso? Será que é uma viagem ao fundo do mar? É a Princesa Submarina ou a Mulher do Príncipe Submarino? Estou sonhando, JUVENAL?

RÊ - Camisinha completa contra a Aids.

AUTOR - Você não sabe que personagem não pode mudar de roupa, tem que ter a mesma roupa?

RÊ - É que já estou de saco cheio daquela roupa, porra! A Luluzinha, que é a Luluzinha, quando ela sai na neve ela não coloca aquelas coisinhas aqui na orelha?

AUTOR - Você não é a Luluzinha, porra!

RÊ - Não vou tirar essa roupa e não se fala mais nisso!

AUTOR - Você não passa de hoje. (para JUVENAL) E você se cuida também. Vai sobrar merda pra todo mundo.

Autor sai.

JUVENAL - Não liga pra esse cara, não. Soube que ele está para dançar lá na Folha Ilustrada.

RÊ - E nós, para onde vamos?

JUVENAL - Te tiro dessa vida, Rê Bordosa, Rê resolvemos um problema seu e um meu.

RÊ - Besteira, JUVENAL. O importante agora é fazer um rápido levantamento das minhas relações sexuais nos últimos cinco anos.

JUVENAL, chateado, coloca as duas listas telefônicas em cima do balcão.

JUVENAL - Vai fazer por ordem alfabética?

RÊ - (olha feio para ele e começa) Uma lista de todos os meus parceiros e parceiras. Tem o Sergio e a Vera, o Reinaldo, a Martinha, o Dênio, a Marjorie, a Maria Emilia e aquele italiano que eu não lembro o nome, o Nelsinho e a Isa, o Ricardão, o Arnaldinho e a Marcinha, (mais baixo) o Meiaoitto, o Nanico, o Bob Cuspe, o Walter Ego, a Ritapop, a Stella Daun, Gorbachov, Bernardo Cabral, Elke Maravilha. Ah, bota aí a Norma Benguell também. (partir daqui ela começa a falar nomes de pessoas que estão na platéia. Para tanto, a atriz precisa receber em todas as sessões os nomes das pessoas que fizeram reservas. Depois) Quer saber? Foda-se! Tem muita gente que eu não lembro a cara. De hoje em diante, JUVENAL, só de camisinha.

JUVENAL - Isso é coisa de viado. Camisinha...

RÊ - (discando num aparelho de telefone) Por que?

JUVENAL - Primeiro, põe uma camisinha, depois veste uma saínia, logo-logo tá rebolando por aí. Além do mais, tou numa idade que não dá para parar para colocar a camisinha. Ou vou embalado, ou não vou mais.

RÊ - Então dançou... Alô, é do Convento das Irmãs Maristas? Por favor, vocês estão aceitando novas inscrições?

CENA 10: UM PERSONAGEM INOPORTUNO

Quando volta a luz na banheira de Rê Bordosa, ouve-se música de cítara. Apenas o foco na banheira. Vai surgindo das profundezas da banheira, a figura de Rhalah Rikota. Cheiro de incenso invade a platéia.

RIKOTA - Se o espectador tem andado meio brocha, não querendo nada com a vida, sem horizontes e, falando português bem claro, sentindo-se uma verdadeira bosta n'água, não se desespere. Você apenas precisa de uma palavra de fé e esperança. Então, deixe-se levar pelo som da cítara, pelo doce perfume do incenso e vá soltando as energias. Neste momento divino, você entrará em contato ultratranscendentalérrimo com Rhalak Rikota!

JUVENAL - Depois de Rahalah Rikota, eu me transformei num puta babaca legal.

RÊ - Eu tinha medo do medo, mas Rhalah me fez enxergar o mundo de outra maneira. Hoje eu coloco até ovo de pé... E com a boca. (vesga).

RIKOTA - Mentalização, energias positivas, transmutações, gatos por lebre, biodança, meditação transcendental, cheques voadores, efeito FHC, passaportes, paranormalidades e salgadinhos em geral. Os homens levantam os braços, as mulheres levantem as saias. (para JUVENAL) Em Rhalah você encontrará ajuda. Rhalah tem a luz, Rhalah tem esperança, Rhalah tem amor, Rhalah tem saber...

JUVENAL - (cochicha no ouvido dele)

RIKOTA - Não, Ministério da Fazenda Rhalal não pega. Por enquanto!

RÊ - Oh, grande Rhalah, como eu faço para ser uma pessoa leve como Rhalah?

RHALAH - (dá um cartãozinho para ela) Toma isso, irmã.

RÊ - É algum ensinamento, Mestre?

RHALAH - Não. É o endereço da academia de ginástica do meu tio. Levante os braços assim.

RÊ - Assim?

RIKOTA - Agora libere os quadris. Assim, remexendo...

RÊ - Assim?

RIKOTA - Enquanto isso Rhalah Rikota vai puxando um sambinha. (começa a cantar Falsa Baiana, enquanto RÊ fica dançando para deleite dele)

Rikota sai de cena dançando.

Ação vai para o bar.

Rê entre em cena, cheirada, excitada, elétrica.

RÊ - Vodca, vodca, vodca! Sem gelo, sem gelo, sem gelo!

AUTOR - (que estava colocando Bibelô sentado no bar, olhando para o estado dela) Meu saco, lá vem aquela chata babar no meu ouvido de novo. Meu Deus, o que foi que eu criei?

RÊ - (Percebendo ele) Sujou...

AUTOR - (para a platéia) Vou comer a minha própria criação!

RÊ - (para a plateia) Vou fuder com o autor!

AUTOR - Inacreditável (levantando os óculos de RÊ), assustador, surpreendente, dose cavalgar, avassalador. Seus olhos estão cheios de veiazinhas vermelhas, algumas roxas.

RÊ - O que, cara?

AUTOR - Seus olhos. Sempre te desenhei de óculos.

RÊ - Delirando, bacana?

AUTOR - Delirando com os seus olhos. Eles tem poesia.

RÊ - Que tipo de poesia? daquelas melosas ou bitiniques?

AUTOR - Biti, é claro!

RÊ - Mas biti, como? Biti na estética ou no conteúdo?

AUTOR - No conteúdo.

RÊ - Conteúdo político ou erótico?

AUTOR - Mais que saco! Conteúdo erótico, porra!

RÊ - Erótico arte ou erótico pornô?

AUTOR - Pornô, caceta! Pornoção! Pornoção!

RÊ - Você quer dizer pornô explícito ou apenas insinuado?

AUTOR - Chega! Sua imbecil! Você conseguiu! Conseguiu me fazer brochar. Eu brochei, ouviu? Eu brochei!

RÊ - Brochou com x ou com ch?

O Autor vai para cima dela.

AUTOR - Eu vou te matar! Eu vou te matar! Te apagar!
Derrubar um litro de nanquim em cima de você!

RÊ - Pode ser na veia? (esticando o braço)

JUVENAL vai socorrer. O Autor já está com as mãos no pescoço dela.

JUVENAL salva Rê.

AUTOR - JUVENAL, essa personagem está fugindo do meu controle, está virando um monstro. A personagem acaba de fazer o autor brochar!

JUVENAL - Mas foi uma broxada física ou psicológica?

PARTE III - RÊ BORDOSA, UMA PERSONAGEM SEM AUTOR
CENA 11: DE COMO O AUTOR MATOU SUA PERSONAGEM

Luz no proscênio. Uma figura enorme, o Carrasco (ATOR II). O carrasco típico, com o rosto coberto e apenas dois buraquinhos nos olhos. Uma força numa mão e um machado na outra. Uma figura tétrica.

CARRASCO - Atenção, muita atenção. Um minuto de sua atenção. Preparem seus corações, pois chegou o momento crucial desta peça! Os momentos que se seguem estarão impregnados do mais puro sadismo e da mais deslavada crueldade. Uma verdadeira sessão de tortura anos 90! Vem aí, senhoras e senhores - e jovens também - vem aí, o assassinato de Rê Bordosa. O assassino? O próprio Autor!

Aponta a banheira de Rê e sai. Luz na banheira de Rê. RÊ está lá.

RÊ - Me Deus! Meus seios estão caindo... Minha coxa está flácida...Eu sou um caco! Minha vida está descendo pelo ralo de água suja. Velha! É isso que eu sou! Velha! É sempre assim: pela manhã começo a reconstruir a minha vida... (fazendo uma pirâmide de copos) Acerto uma coisinha aqui, dou um jeito em outra ali... Mas, quando vai chegando a noite...tudo vai pras picas! (os copos todos caem. disca um número) É da Associação dos Alcoólatras Anônimos? Por favor, vocês aceitam uma alcoólatra famosa?

Surge Autor de dentro da banheira e desliga o aparelho.

RÊ - (temerosa, mas tentando puxar o saco) Nossa, surpresa... O Autor. Como vai, amor?

AUTOR - (tira uma calcinha de dentro da sua capa preta)
Essa calcinha é sua?

RÊ - (examina) Sim. Onde a encontraste?

AUTOR - Estava engasgada na minha garganta. E não é porque eu estou aqui, que você tem que usar os pronomes corretamente. Fica na sua. "Onde a encontraste"? Você está fugindo do meu controle. Daqui a pouco você vai virar uma garota propaganda. Vai vender tudo. Uma Xuxa junkie! Uma Mônica dos bêbados e renegados.

RÊ - Não me chama de Mônica! Quer me irritar é me chamar de garota propaganda!

AUTOR - Você não é a rainha dos baixinhos. Você não vai virar garota propaganda!

RÊ - Calma, bacana...

O Autor tira a capa. Está de cueca por baixo.

RÊ - Mais o que é isso? Que fazes tu?

AUTOR - Também quero desfrutar dessa zona toda. Afinal, eu sou o Autor!

RÊ - Vai ser uma noite daquelas porque, como é o Autor, eu vou ter que fazer tudo que ele quiser. Vai ser demais. Vou usar as mãos, os pés, os cotovelos, as nádegas e se não engasgar, vou usar a boca também.

AUTOR - (coloca a capa novamente) Que saber de uma coisa? Estou de saco cheio! Você é uma personagem que me encheu profundamente o saco. Cansei de você! Você era para ser o meu reflexo. Te criei para exorcizar um ladinho meu. Mas você fugiu da minha prancheta. Você começou a pular de um quadrinho para outro, antes que eu raciocinasse. Você começou a enxergar, RÊ Bordosa. O que eu quero é matar o "eu" que eu tenho em você. Por isso, (falando como um roqueiro) I want kill you, baby.

RÊ - Quanta besteira, meu Deus! Você está tenso... Com os nervos duros... (começa fazer massagem nos dedos do pé dele) Tá precisando relaxar...

Vai tirando a capa dele e começa a fazer massagem nas costas dele.

AUTOR - Os meus outros personagem eu domino, tenho eles ali na mão firme, não saem correndo das páginas... Aí, um

pouco para a direita. Assim . Agora mais pra cima. Pra cima, eu disse. Aí fica aí.

RÊ - (para a platéia) Isso é o que se chama uma personagem massageando o ego do Autor!..

AUTOR - (se levantando) É para isso que eu tenho outro personagem, o Walter Ego. (coloca a capa novamente)

Autor sai da banheira.

AUTOR - Pois então está tudo muito bem. Agora que eu estou mais relaxado, pode sair da banheira. Você nunca mais vai entrar nessa banheira. A não ser, morta!

Rê sai da banheira como se fosse mesmo pela última vez. Fica olhando para a banheira.

RÊ - Quais são os seus planos, hein? (O Autor pega uma corda) Já vi tudo. O seu lance é perversão, não é? Um autor corrosivo, underground e perverso. Acho que você que é um personagem. Meio defasado e brocha, mas é um personagem.

O Autor amarra as mãos dela e a dependura no teto. Se não for muito complicado, ele poderia amarrar fios nas mãos e nos pés dela e a fazer de sua marionete.

AUTOR - Agora você não foge mais de mim. Faço tudo o que eu quiser com você.

RÊ - (que está de calcinha e soutien) Então faz, então faz, gostosão! Use e abuse! Faço tudo o que você quiser.

AUTOR - Deixa eu ver. Deixa eu ver... Dança um Mambo!

RÊ começa a dançar um Mambo sob o controle do Autor.

AUTOR - Seios flácidos... Estrias generalizadas... Gorduras localizadas...Tsk...Tsk... Rêalmente eu não sei como é que eu fui deixar você chegar numa situação dessa. Não sei se te afogo na banheira ou se te faço uma lipoaspiração.

RÊ - Pode me dar um cigarro, gostosão?

AUTOR - Não adianta me agradar, sua puta velha!

Ele pega um cigarro e enfia na xota dela.

RÊ - (dá um urro) Mas é sério mesmo?

AUTOR - Seriíssimo!

RÊ - Com o autor em crise não se pode brincar. Não me queime, por favor! Pense bem, cara, eu ainda nosso lhe render tubos de dinheiro. Essa peça pode virar filme, disco, vídeo, toalhinhas pras crianças, chaveirinho, o escambau. Podemos chegar a Hollywood! Você não conhece o Babenco? Ele tem os macetes....

Autor enfia novamente o cigarro nela.

AUTOR - Aqui nesse caderninho está anotado tudo que você bebeu nesses anos todos: 7.869 litros de cachaça, 65.879 doses de vodca, 12.568 cálices de licor de anis, 80.190 doses de uísque bunda, 450 jurubebas, 310 vinhos nacionais e 5 estrangeiros, 789 caixas de conhaque, 78.546 latas de cerveja nacionais e 16 holandesas, 1.567 copos de caipirinhas, 12.893 baseados, sendo 460 da lata, 68 ácidos nacionais de qualidade duvidosa, 128.765 metros de cocaína malhada.

RÊ - Acabou? Você se esqueceu de cinco vidros de perfume, um galão de acetona, um de querosene e mais de 200 cogumelos. Mandrix pra caralho e 3 garrafas de álcool 90.

AUTOR - Você não tem o que reclamar. Teve uma vida agitadíssima. Posso citar aquela vez que você comeu um time de futebol inteiro.

RÊ - (lembrando) Quinze atletas.

AUTOR - Quinze? Um time tem só onze.

RÊ - E os reservas? Rêserva também é gente.

AUTOR - Chega de nostalgia, Rê Bordosa! Chegou a hora! Vamos passear.

O Autor coloca ela nos ombros e sai andando pela rua.

RÊ - Se você me levar no zoológico eu te mato.

AUTOR - Por que? Não quer aparecer pelada na frente dos macacos?

RÊ - Não. É que numa hora dessas, lá praqueles lados, vai ser difícil descolar um bar.

AUTOR - Sinto muito, Rê Bordosa, mas chegou o momento da decisão. Vou atirar o seu corpo nas águas do Tietê.

Chegam na ponte.

RÊ - Não seja ridículo, cara. Isso tá parecendo filminho da sessão da tarde. Pensei que você fosse mais criativo. Não seja burro. Você tem um público a zelar. Não seja radical. Vamos conversar.

AUTOR - Não adianta, Rê Bordosa! Não vou protelar mais! Rêsolvi te matar, já dei entrevista para a Veja e para a Ilustrada. Não tem jeito.

RÊ - Dou tudo o que você quiser.

AUTOR - Não adianta.

RÊ - Virginiano é foda! É igual mula. Quando empaca numa idéia, fudeu!

AUTOR - Adeus, Rê Bordosa!

RÊ - Não tenho direito a uma última frase?

AUTOR - Lá vem besteira.

RÊ - Saio da historinha para entrar na vidinha!

AUTOR - Ah, é? Então escuta essa: dez Rê Bordosas eu tivesse, dez Rê Bordosas eu mataria!

Jogo ela na água. Pode ser na platéia. Vemos água pulando para cima.

AUTOR - Tchau, puta velha!

CENA 12: UMA PERSONAGEM PEDINDO CARONA

LOCUTOR - (no escuro) Quando a notícia da morte de Rê Bordosa se espalhou pelos ares da noite, instalou-se a confusão. Era o caos na madrugada paulistana. Os cães uivavam, as garrafas rolavam pelos balcões, os copos tremeram nas prateleiras e as carreiras melaram nos banheiros. A boemia estava de luto. Perdera sua mais significativa representante. As lágrimas rolavam pela noite paulistana. O Autor/Assassino vagava pelas ruas da megalópole. Ele havia tirado um puta peso das costas.

AUTOR - (luz nele, saindo, pela platéia) Mó legal! Me sinto aliviado... Dei um fim naquela porralouca da Rê Bordosa. (sai do teatro).

LOCUTOR - No entanto, o que ele não sabia é que a sua personagem maldita HAVIA SIDO SALVA POR UM BANDO DE MENDIGOS!

RÊ - (ainda no escuro) Céus, onde estou ? Morri? Oh, céus, é o breu do infinito? Isso que é a morte? Essa puta escuridão? Isto que é a morte ou eu entrei numa festa dark? (para a platéia) Pessoal, por favor, quem puder, me ajude. Quem tiver aí um fósforo, um isqueiro, por favor, me acenda. Tou falando sério, porra. A gente não vai ficar nessa escuridão o resto da noite. (começam a acender pequenos focos de luzes na platéia) Meus Deus, obrigada. Já vejo algum túnel no final da luz. Meu Deuses, estou lançada as trevas. Sou uma personagem sem autor. Quem me ajuda? Por favor, tem algum desenhista na platéia? Sim, alguém que me desenhe uma banheira, um bar, uma garrafa de vodca. Meu Deus, donde vim, para onde vou? Tem algum autor aí? Não precisa ser bom, não. Apenas para desenhar uma rua onde eu possa caminhar. Vocês não percebem? Estou sozinha no mundo. Pelada, suja e desorientada.

Nisso vão chegando dois mendigos, que se acercam dela (ATOR I e II). Ficam admirando ela.

MENDIGO I - Que puta mina lesgal, meu!

MENDIGO II- Dá um agasalho para ela.

RÊ - Obrigada. Pelo menos mudei de figurino. (olha para o palco.Têne luz) Vejam, está clareando.

MENDIGO I - Tá maus. Tá maus.

MENDIGO II - Frita uma lingüiça pra ela.

RÊ - Obrigada, galera. Vocês foram muito legais por me salvar. Já estou melhor. Se vocês não aparecessem eu ia morrer afogada. Além de não saber nadar - e o Autor sabe disso - eu detesto beber água.

MENDIGO I - Vem com a gente.

RÊ - Obrigada, galera. Vocês foram muito gente. Vocês foram muito... gente.

Os mendigos vão se afastando, dando tchau para ela. Ela fica sozinha numa estrada deserta.

LOCUTOR - Rê Bordosa, semi-desesperada, foi para uma estrada na tentativa de conseguir uma carona para o bar mais próximo.

RÊ - Que merda da vida! Sou uma personagem pedindo carona. Merda de vida! Daria tudo por uma dose de vodca e um entregador de pizza na minha banheira. Se eu tivesse um autor, unzinho que fosse, não precisava nem ser bom, mas se eu tivesse, na próxima cena eu estaria naquele barzinho da Paulista com a Consolação. Mas não: tenho que pedir carona. Que humilhação, meus Deuses!

LOCUTOR - Eis que surge uma alma caridosa.

Chega a alma caridosa, de carro. Um homem. (ATOR I).

RÊ - Estou em apuros, moço. Você pode me dar uma carona?

RAPAZ - Craro, Creuza!

LOCUTOR - Enfim, calor humano!

RÊ - Sabe que você é simpático ? O que você faz da vida?

RAPAZ - Sou piromaniaco!

RÊ - Desculpa, não peguei bem. Você é o que?

RAPAZ - Sou piromaniaco! Estou prestes a colocar fogo no meu próprio corpo.

RÊ - Interessante...

LOCUTOR - Ela tentava entabular um papo, enquanto o carro ia cortando a estrada escura.

RÊ - Seguinte, cara. Esses galões aí no banco de trás. Estão cheios do que?

RAPAZ - Gasolina. É para botar fogo no mundo.

RÊ - Interessante. (pega um galão) Enfim encontrei algo para molhar a goela.

RAPAZ - A mina é fogo! Gente fina!

LOCUTOR - O que a idiota da Rê Bordosa-sem-autor não havia percebido, era que estava a bordo de uma verdadeira bomba de quatro rodas, altamente inflamável..

RAPAZ - (tira um beise do bolso) Dá para você acender o meu beise?

RÊ - (com o galão, já aberto, já que ela estava bebendo) É pra já (risca o fósforo)

Grande explosão, escuridão.

Vemos Rê saindo correndo com as costas pegando fogo.

LOCUTOR - E, de bobeira, foi tudo para os ares. E para as manchetes dos jornais.

RÊPORTER II (ATOR II) - (no local do acidente) E, segundo testemunhas, logo após a explosão, uma mulher em chamas teria saído correndo em direção ignorada. Tulha Pulha, para a TV Urgente.

LOCUTOR - Sim! Era verdade. Rê Bordosa-sem-autor havia escapado das chamas daquele piromaniaco maluco. Mesmo assim continuava sem rumo, uma personagem sem autor, solta no ar. Andando pelo campo.

RÊ - (andando pelo campo) Ninguém me ama, ninguém me quer, ninguém me chama de Baudelaire. Sem autor, é foda! A gente acaba repetindo a mesma piada.

LOCUTOR - Isso, até encontrar a luz na escuridão. Um convento de freiras!

RÊ chega a porta de uma convento de freiras!

RÊ - Meu Deus! Freiras...

Rê bate na porta e surge uma freira.

FREIRA I (ATOR I) - Oh! Procura ajuda, irmã?

RÊ - Tem banheira aí?

LOCUTOR - Rê Bordosa foi abandonada pelo autor, mas não por Deus. Sim, por mais baixo que se caia, jamais se cai dos braços de Deus. Naquela casa santa, encontrou abrigo e carinho. Em apenas uma semana, já se sentia totalmente a vontade. Com isso a puta velha se transformara em Noviça!

FREIRA I- Irmãs, estamos aqui todas reunidas, para perguntar á nossa querida Noviça Rê Bordosa, o que está achando do nosso convento?

RÊ - Bem... eu acho... que está faltando padre!

Entra um padre (ATOR II).

RÊ - Zirmão! Zirmão!

Rê chama o Padre para o lado. A Freira, horrorizada, sai de cena.

RÊ - E aquela do padre que entrou num bar e viu dois travestis sentados e perguntou: são irmãs? E uma delas respondeu: imagina, nem católicas somos!

O Padre cai na risada. Tira garrafinha de vinho e saem os dois bebendo.

PADRE I - (levanta a saia dela) E essa cicatriz?

RÊ - (mostrando a perna) Foi um jogador de rugby que era uma fera.

PADRE I - E esse machucadinho? (bem na coxa)

RÊ - Isso foi o JUVENAL mesmo...(fala isso e sente saudades do Juvenal) JUVENAL...

LOCUTOR - Certo dia, na sala de orações, avistou pela janela o piscar de uma grande cidade. Provavelmente repleta de grandes prazeres.

RÊ - (olhando pela janela) Não acredito. A vida mundana.

LOCUTOR - E lá se foi ela de goela seca em busca de aventuras e de amantes, apesar de ser esposa de Cristo.

Rê anda pela cidade que é formada pela sombra de garrafas, seringas, tubos para cheirar, copos, taças, etc, derrubando tudo, como se estivesse no meio de uma selva de drogas.

LOCUTOR - De repente, o paraíso surge a sua frente.

Vê-se a frente de um bar: BLACK BAR.

RÊ - Bar! Um bar! Estou em casa. Alô papai! Alô, mãe! A fera do pedaço voltou!

LOCUTOR - Sua chegada foi triunfal, deixando todos de boca aberta.

RÊ - (sempre de freira) Zirmãos!

Tem um black (ATOR II) lá dentro, além do barman (ATOR I), igualmente negro.

BLACK - Quem é essa doida?

BARMAN - Uma freira?

BLACK - Tá viajando.

RÊ - (para o barman) Uma vodca. Dupla, por favor!

BLACK - E aí, irmã, sabia que Deus é crioulo?

RÊ - Claro. E toca funk!

BLACK - Yeah!

LOCUTOR - Rê Bordosa sempre teve a maior tesão por blacks. Por isso não recusou o convite para visitar um colecionador de discos da Motown.

Entra Rê com os dois no apê.

BLACK - Tonhão, essa mina ai tá no papo.

BARMAN - Yeah! Yeah!

BLACK - Mas vamos de leve que ela é meio religiosa.

Rê está entornando uma garrafa de vodca goela abaixo.

RÊ - Tem fogo ai, negão?

Negão acende um beise para ela.

LOCUTOR - Em pouco tempo já era dona do pedaço, ganhando a simpatia da negada.

BLACK - Que tá achando da branquela?

BARMAN - Essa mina é lesgal! Parece até homem.

BLACK - Tá um puta calor. Vamos tirar este hábito...

BARMAN - Vamos tirar esse hábito... Vamos ver esse corpinho...(tiram o hábito dela) Epa! Mas ela é a...

BLACK AND BARMAN - Mas ela é a Rê Bordosa!!!

Grande farra.

LOCUTOR - Baseados acesos, funk rolando, cheiro de sexo no ar... Nada mais propício para uma batida POLÍCIA. Flagrante na certa.

Estão todos dançando, e cantando, batem na porta.

DELEGADO (OFF) - Abram, é a POLÍCIA. Cadê as coisas?

BLACK I - Que coisas, doutor?

Rê foge pela janela.

LOCUTOR - Rê não marcou touca. Saltou pela janela no momento certo.

Vemos agora Rê numa corda bamba nos ares de São Paulo. Ainda ouvimos o papo do delegado e dos Black, em off.

DELEGADO - Então, o que é isso dentro da lata?

BLACK I - Erva mate, doutor.

LOCUTOR - No momento certo, porém em lugar errado. Rê Bordosa se viu pendurada, sobre a cidade, num fio de alta tensão.

RÊ - Azar! Perdi os crioulos. Tava quase traçando os dois. Meu Deus, eu aqui dependurada, sem um autor.

LOCUTOR - Mas ela não estava só.

Vem vindo pelo outro lado do fio, um homem nu (ATOR II).

RÊ - Mas quem é você?

HOMEM - Ora, sou um merda qualquer!

RÊ - Que bom te encontrar. Estava louca para conversar. Nesse mundo louco, ninguém mais quer levar papo.

HOMEM - Podicre. Nosso encontro está sendo muito agradável.

LOCUTOR - A conversa caminhava bem até que...

RÊ - A corda está tremendo... o que será?

HOMEM - Sei lá.

É que pinta o outro homem (ATOR I), na corda bamba.

RÊ - Ué, quem é esse cara?

HOMEM II - Ah, eu sou um puta babaca e não sei onde enfiar tanta imbecilidade.

LOCUTOR - O cara, além de babaca, era gordo pra cacete.

Arrebenta o fio.

LOCUTOR - Rê Bordosa foi caindo, caindo, caindo, até chegar ao solo, estatelando-se no asfalto.

Ela fica lá, caidona, e vão chegando os Vírus da Destruição. (ver desenho do Angeli)

LOCUTOR - No entanto, a velha Rê tinha sete vidas. Aos poucos foi acordando e percebendo uma multidão de seres estranhos a sua volta. Todos curiosos.

VIRUS I (ATOR I) - Ela está respirando.

VIRUS II (ATOR II) - Tá viva.

LOCUTOR - Ela ainda tentou pedir ajuda.

RÊ - Help me, please!

OS VIRUS - Se procuras a salvação, baby, batestes em porta errada. Somos o final do milênio Yeah Somos o Vírus da Destruição.

LOCUTOR - Assustada com os terríveis vírus do mundo moderno, Rê fugiu em busca de proteção.

RÊ - (correndo com os vírus atrás) Socorro! Help me!

LOCUTOR - Eis que surge um cidadão.

RÊ - Moço! Me ajuda! Me ajuda!

São dois homens da TFP com bandeira e tudo (ATOR I e ATOR II).

TFP - Falou comigo?

LOCUTOR - A velha junkie podia ser resistente, mas não tinha lá muita sorte. Escapou das pestes mundanas e caiu nas garras da direita religiosa.

TFP - Vade retro, satanás!

LOCUTOR - Encurralada, tentou abrigar-se em qualquer lugar.

TFP - Sua destruição será pelo fogo, mundana!

RÊ - Calma, não se excite!

RÊ empurra uma porta e - milagre - cai no bar do JUVENAL.

Como anda o bar? JUVENAL esta no seu lugar. Tem uma foto de Rê Bordosa em seu lugar de destaque. JUVENAL está triste. Todos os personagens do Angeli, em bonecos, estão lá, sentados no bar, bebendo: Meia Oito, Wodstock, Os Skrotinhos, Walter Ego, Rita e Stella, Bob Cuspe, Bibelô, Rikota, Nanico e quem mais tiver. Bar cheio. Ela entra. Todos estão olhando para ela, espantados. Bocas abertas. JUVENAL treme todo. Não segura as lágrimas que rolam.

RÊ - Zirmãos! O de sempre, JUVENAL.

JUVENAL - Rê, Rê, Rê, Bordosa!

RÊ - Uma dose dupla de vodca, com um pouco de rum, duas pitadinhas de martini seco, depois algumas gotas de Fogo Paulista.

JUVENAL, no auge da sua felicidade, preparando os drinks. Rê dá um gole que leva todo o copo.

RÊ - Outro JUVENAL. Nao agüentava mais vinho de missa. Doce pra caralho.

LOCUTOR - Enfim, a Rê Bordosa pode esticar as pernas e relaxar.

A sós, com JUVENAL.

JUVENAL - Saudades, Rê. Pensava que você tinha ido dessa pra pior.

RÊ - Pra pior é difícil, JUVENAL. Pra pior tá difícil.

JUVENAL - Depois que apareceram autores matando personagens pode-se esperar tudo do mundo.

RÊ - O viado do Autor não tem aparecido aqui não, né?

JUVENAL - Sumido.

RÊ - Nem aquele baixinho que anda com ele? O Toninho Mendes?

JUVENAL - Também não.

RÊ - Nem o Prata, o Lage...

JUVENAL - Nada. Fica sossegada.

RÊ - Tô bem naquela foto, heim? Tô bem mesmo.

JUVENAL - A vida tá perigosa para personagens sem autores que vivem á deriva, entregues á própria sorte.

RÊ - Sem autor é foda!

JUVENAL - Você precisa de proteção, Rê Bordosa. Só o casamento é a solução.

RÊ - Não, JUVENAL, não diga essa palavra. Eu tenho problemas. (começa a se coçar)

JUVENAL - Desculpa. Me esqueci que você é alérgica.

RÊ - Empipoca tudo.

Rê vai se coçando para a platéia.

RÊ - O Policarpo. Não me esqueci não, viu? (coçando)

Rê volta para JUVENAL. Ficam conversando como se estivessem em rotação acelerada.

LOCUTOR - JUVENAL provou por a mais b, que a única solução pros tempos de hoje, era o casamento.

Ação volta ao normal.

RÊ - Mas casar com você, JUVENAL? Quem vai ser a louca?

JUVENAL - Ora, Rê Bordosa, você sabe que eu sempre fui caído por você. Fuja dos perigos da vida. Case comigo!

RÊ - Será? Bota uma vodca ai, pra eu pensar melhor.

JUVENAL - (enche o copo dela) Vai por mim...

RÊ - Então tá. Bota mais uma vodca pra gente fechar o negócio.

JUVENAL sorri, serve mais uma super dose para ela.

Entra o ATOR II de Padre.

JUVENAL - Padre, a minha noiva gostaria de se casar aqui no bar.

PADRE - Aqui?

RÊ - Claro. Na Igreja é a maior regulagem.

PADRE - Regulagem? O que é regulagem?

RÊ - É quando só o padre bebe e os fieis ficam olhando...

BOLAR CENICAMENTE O CASAMENTO DA RÊ BORDOSA COM O JUVENAL

CENA 13: RÊ BORDOSA E JUVENAL, UM CASAL

LOCUTOR - Agora você vai conhecer a vida de casada de Rê Bordosa e JUVENAL. Já no aconchego do lar, o casal comia pipoquinha no sofá, vendo a novela das sete..

Aqui os dois traçam comentários do dia sobre a novela que está passando as sete na Globo. Depois de curtirem um minuto.

RÊ - JUVENAL, põe um filme de sacanagem, põe.

JUVENAL - O que é isso, Rê Bordosa? Agora você é uma mulher casada. A sacanagem é um passo para a destruição, para a degradação sexual. E, de degradação sexual para o comunismo é uma passo. Estamos entrando na era do amor.

RÊ - Então coloca, pelo menos, a Noviça Rêbelde.

LOCUTOR - E dali para a cozinha, da cozinha para a sala, da sala para o quarto, do quarto para a sala, da sala para a cozinha, da cozinha para o banheiro. A CASA NÃO TINHA BANHEIRA! Entre um omelete e outro, Rê reflete:

RÊ - Essa vida de casada tá me matando. Tá tudo muito parado. Antes eu tinha um autor. Que eu tinha que fazer tudo o que ele queria. Agora eu não tenho mais autor, mas tenho um marido. E eu tenho que fazer tudo que ele manda. Ganhei um outro autor. Tá tudo muito parado. Pipoca, novela, marido, pizza... Arroto, ronco, peido fedido... Passar horas na cozinha, não é a minha. A única coisa que salva é que, às vezes, pinta um vinagre. (vira uma garrafa de vinagre)

LOCUTOR - Pobre Rê. Passava os dias comendo bombons e guloseimas. De manhã até de noite.

RÊ - (na cama) Sabe o que eu estou a fim, JUVENAL?

JUVENAL - Pipoca, bem?

RÊ - Não. Tou a fim de sair por ai dando para todo mundo.

JUVENAL - Rê Bordosa, você não está esquecendo de nada, não?

RÊ - Ah, claro, as camisinhas.

LOCUTOR - A velha junkie já não agüentava mais. Era muita glicose para a cabeça dela.

Os dois agora estão vendo televisão e ele está tomando uma latinha de cerveja.

RÊ - Posso dar um bico na cerveja?

JUVENAL - Nem pensar.

RÊ - Então um cigarrinho só. De nicotina mesmo.

JUVENAL - Já disse. Nem álcool, nem cigarros, nem drogas. Só milk shake.

LOCUTOR - O dia conjugal se tornava um verdadeiro martírio.

RÊ - Já vai para o bar, JUVENAL?

JUVENAL - Trabalhar, minha filha.

RÊ - JUVENAL, eu lhe imploro. Me leve com você. Só preciso de umas sete ou oito doses de vodca.

JUVENAL - Não quero nem ouvir.

RÊ - (JUVENAL sai) Droga, mais um dia regado a leite e nescau. (pausa) Saudades do meu velho autor...

LOCUTOR - Sendo assim, ela voltou a se empanturrar.

Na televisão, comendo besteiras.

RÊ - Não adianta, a monogamia é irma da monotonia!

TELEVISÃO - Alô, colegas! Novamente estamos aqui no nosso programa "O Amor a Dois". Hoje lançaremos com o total apoio da Igreja Católica Apostólica Romana, a Campanha FAÇA SEXO SEM AS MÃOS.

Rê fica olhando para a tela sem entender o que está vendo. Mas para o espectador, ele deve estar vendo uma coisa sensual, porque ela vai se excitando com o que vê e público não. Entra JUVENAL, ela se recompõe, ele desliga a televisão, tira o paletó, os sapatos, as meias e começa a coçar entre os dedos do pé.

JUVENAL - Me diga francamente, Rê Bordosa, o que você está achando da vida de casada?

RÊ - Ah, JUVENAL, melhor deixar isso pra lá.

JUVENAL - Vai, amor. Pode dizer. Do que você está sentindo falta?

RÊ - Sabe aquele morenãõ que ia sempre no bar, de calça justa?

JUVENAL - Não fala assim, amor. Dói. Dói, sabia? Rê Bordosa, você está engordando? Ando preocupado. Preciso tomar uma providencia.

RÊ - Vai me deixar matar uma garrafa de vodca?

JUVENAL - Não. Vou comprar um sofá maior.

LOCUTOR - Rê Bordosa estava irreconhecível. 90 quilos pra mais.

JUVENAL - Quero pedir uma coisa, Rê Bordosa.

RÊ - Ah, pede que eu faço. De frente, de costas, de pé, de joelhos, deitada. Qualquer jogo.

JUVENAL - (passa uma cueca para ela) Cê lava a minha cueca?

RÊ - Não! Não! Eu não agüento mais! Eu vou ter um troço! Eu vou explodir. EXPLODIR!

Rê explode maravilhosamente. Quando volta luz, vemos apenas as roupas de Rê Bordosa e alguns pedaços de pele. Morreu mesmo.

JUVENAL - (com uma cueca numa mão e a sainha dela na outra) Meu Deus, ela morreu...

Luz começa a se acender na banheira de Rê Bordosa. Ela está lá. É o seu caixão.

Em volta, JUVENAL, e os bonecos do Angeli: Meia, Nanico, Stella e Rita, e os outros. Mais ao fundo, o Autor.

LOCUTOR - Morreu a puta velha. Os bêbados se embriagaram, os vagabundos cantaram e os cães ladraram. Todos sentiam o fim daquela inesquecível personagem. Esta foi a verdadeira história da sua morte. Um crime sem mordomos culpados, no entanto, com um garçonzinho filho da puta. E, com a morte da Rê Bordosa, pôde-se detectar o surgimento do TEDIUS MATRIMONIUS, um vírus mortal que vem se proliferando pelos grandes centros, criando assim, vários grupos de risco.

Autor entorna uma garrafa de vodca no caixão/banheira, que vai descendo para baixo da terra.

Apaga a luz e vamos todos para o bar. Os bonecos idem. No banquinho onde ela sempre se sentava, um cartaz:

RESERVADO

JUVENAL liga o FM e entra um bolerão dele. Nisso surge o espírito da Rê Bordosa, pelo chão, ficando ao lado de JUVENAL, ouvindo a música com ele. Ninguém a vê. Todos estão estáticos.

Ela dá um beijo em cada um, que não a percebem e sai para a platéia.

RÊ - Não me esqueci, não. Pensaram que eu tinha me esquecido, não é? Por favor, quem está sentado na fila C, número 6? Por favor, coloque a mão debaixo da cadeira. Encontrou, não é? (grudado lá embaixo tem um peruzinho de porcelana) Por favor, pode me dar.

Ela sai pelas portas do fundo. Ficam apenas dois focos, um em JUVENAL e outro no Autor. Ambos com lágrimas correndo.

A luz vai se apagando, o público começa a aplaudir.

Tudo escuro. Foco na banheira de Rê Bordosa. Não vemos ninguém. Uma mão, como se fora um naufrago, sai da banheira e coloca um "radinho de carro" do lado de fora. A mão desaparece novamente e surge com quatro copos usados. Depois, sempre com o mesmo movimento, mostrando apenas o braço e a mão, vai depositando para fora da banheira, os seguintes objetos: garrafa de vodca nacional, maços de cigarros, revistas de homens e mulheres nuas, um cinzeiro cheio de tocos, uma gilete enorme, um canudo de cheirar

enorme, um saquinho e um enorme vidro de aspirina. Por fim uma seringa e uma "lata".

Finalmente, surge Rê Bordosa, na maior rebordose do mundo. cabeça doendo, falando baixo.

O próprio som a incomoda.

Rê - Meus Deus! Meu Deuses! Outra vez. O que foi que aconteceu ontem de noite?

F I M